



SEÇÃO: ARTIGO

## Em busca da continuidade perdida: erotismo e morte em Georges Bataille

*In search of the lost continuity: eroticism and death in Georges Bataille*

**Pedro Antônio Gregorio de Araujo<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0003-0592-1303](https://orcid.org/0000-0003-0592-1303)  
[pedro.araujo@edu.pucrs.br](mailto:pedro.araujo@edu.pucrs.br)

**Recebido em:** 27 mai. 2019.

**Aprovado em:** 27 nov. 2019.

**Publicado em:** 27 jul. 2020.

**Resumo:** O presente trabalho consiste em investigar a concepção e a relação entre os conceitos de erotismo e morte propostos pelo filósofo Georges Bataille (1897-1962), que afirma que o homem é um ser dilacerado entre continuidade e descontinuidade – somos seres que possuímos individualidade e que logo morreremos, porém nós possuímos uma nostalgia pela continuidade perdida com o advento da subjetividade, que somente foi possível com o mundo do trabalho. O animal-homem tornou-se homem por meio dos interditos: proibições de atos relacionados à morte e ao sexo. No entanto, foram os interditos que tornaram possível a transgressão, que faz o homem retornar ao seu estado original de animalidade. Não se pode apagar nenhum desses polos totalmente: ambos são necessários para o ser humano. Aparecem agora duas formas de retornar à continuidade perdida: erotismo ou morte, e ambos, em sua forma mais excessiva, confundem-se entre si, a visão aterradorante é a mais atrativa e desejada. Pretendemos analisar primeiramente o erotismo em geral, de modo a vermos em que sentido ele é uma experiência interior. Segundo, analisaremos se podemos equipará-lo à morte e, mais precisamente, ao sacrifício, demonstrando como a violência está presente no ato de amor. Temos, como conclusão, que tanto a morte quanto o erotismo desafiam a individualidade, mas a morte o faz de modo permanente e o erotismo de modo temporário.

**Palavras-chave:** Bataille. Erotismo. Morte. Transgressão. Continuidade.

**Abstract:** The present work expounds the philosophical anthropology proposed by the philosopher Georges Bataille (1897-1962), who affirms that man is a dilacerated being between continuity and discontinuity – we are beings who possess individuality and soon we will die, however we have a nostalgia for the lost continuity with the advent of subjectivity, which was only possible by the world of work. The animal-man became man by the way of the interdicts: prohibition of acts related to death and to sex. However, it were the interdicts who possibilited the transgression, which made man return to its original animal stage. None of these poles can be completely erased: both of them are necessary to the human being. It appears now two ways to return to the lost continuity: eroticism or death, and both, in their most excessive form, get each other confused, the terrifying vision is the most attractive and desired. We pretend to analyze firstly the eroticism in general, so we can see in what sense it is an interior experience. With that done, we can equate it to death, and more precisely to sacrifice, demonstrating how violence is present in the act of love. We have, as the conclusion, that both death and eroticism challenge individuality, but death only does so permanently, while eroticism does it temporarily.

**Keywords:** Bataille. Eroticism. Death. Transgression. Continuity.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

## Introdução

Pretendemos neste artigo apresentar e analisar os conceitos de erotismo e morte para o filósofo e romancista francês Georges Bataille. Segundo ele, ambos seriam processos onde o sujeito perde sua individualidade, sua descontinuidade, retornando, assim, à continuidade que existia antes da existência do trabalho e dos interditos. Foi com o trabalho e com as proibições, que ganhamos consciência de si e, logo, uma identidade: o homem deixou de ser animal e virou homem propriamente dito.

Contudo, tanto o erotismo quanto a morte são violentos por natureza; no entanto, o primeiro acontece de modo apenas temporário, ao passo que a segunda é para sempre. O erotismo coloca o indivíduo em jogo, fazendo com que a cada momento ele deseje mais e, portanto, perca-se mais, sentindo a nostalgia pela continuidade, por causa do contato com ela durante esse ato. Desta forma, realizaremos uma exposição desses dois conceitos segundo Bataille: o erotismo e a morte. Os dois fenômenos são aqueles que removem o ser humano da descontinuidade e o devolvem à continuidade. Os interditos estão sempre relacionados a esses dois acontecimentos,<sup>2</sup> sendo assim, proibições que atuam de modo a corroborar com a ideologia utilitária da sociedade do trabalho e nos individuando para nos tornar sujeitos.

## 1 Erotismo e morte

Iniciaremos detalhando as questões referentes ao conceito de erotismo de Bataille: falaremos de seus tipos, da perda de subjetividade inerente a tal

atividade, e de que maneira ela é uma experiência interior. Feito isso, traremos uma discussão sobre a morte enquanto ideia na obra de Bataille, sua relação com o erotismo, onde explicitaremos de que maneira o erotismo e a morte andam de mãos dadas segundo..o filósofo francês, sobretudo quando analisado o fenômeno do sacrifício.

### 1.1 O erotismo

Em sua obra que trata sobre o tema de modo mais extenso, *O Erotismo*, Georges Bataille nos dá algumas fórmulas<sup>3</sup> sobre o que seria exatamente o erotismo: "a aprovação da vida até na morte."<sup>4</sup> Outra fórmula exposta pelo autor<sup>5</sup> seria que o erotismo é aquilo que coloca o ser em questão, fazendo com que o indivíduo no ato de cunho erótico se perca, porém de modo consciente quanto a isso, diferenciando, portanto, tal ato de outros que ocasionariam a perda da individualidade:

O erotismo, já o disse, é a meus olhos o desequilíbrio em que o próprio ser se coloca em questão, conscientemente. Em certo sentido, o ser se perde objetivamente, mas então o sujeito se identifica com o objeto que se perde. Se for preciso, posso dizer, no erotismo: EU me perco. Sem dúvida, não se trata de uma situação privilegiada. Mas a perda voluntária implicada no erotismo é flagrante: ninguém pode duvidar dela.<sup>6</sup>

Bataille afirma que o erotismo é uma característica exclusiva da vida interior do humano. A atividade sexual do animal não possui o aspecto erótico,<sup>7</sup> porque, embora ele tenha uma vida subjetiva tal qual o ser humano, a vida do animal é dada a ele da mesma maneira que a vida é dada a um objeto; ou seja, de uma vez por todas:

<sup>2</sup> Podemos exemplificar com o homicídio no tocante à morte e o incesto, a nudez em geral, o sangue menstrual e de parto no que se refere à sexualidade.

<sup>3</sup> É importante ressaltar o fato de que Bataille prefere nos dar fórmulas a dar definições exatas e precisas, conforme afirma Diniz, ao comentar o aspecto da transgressão segundo Bataille e Sade: "Bataille muito raramente nos concede definições precisas e exatas de seus termos ou define com precisão seus conceitos. Do erotismo, nos dá algumas 'fórmulas.'" DINIZ, Guilherme Grané. A Questão da Transgressão em Sade e Bataille. *Pólemos*, Brasília, v. 6, n. 12, p. 115-127, 2017, p. 117.

<sup>4</sup> BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 35.

<sup>5</sup> Ambas as formulações também se encontram presentes na obra *A Literatura e o Mal* de Bataille, em seu ensaio sobre Emily Brontë: "O erotismo é, acredito, a aprovação da vida até na morte. A sexualidade implica a morte, não apenas no sentido de que os recém-nascidos prolongam e sucedem aos mortos, mas também porque coloca em jogo a vida do ser que se reproduz." BATAILLE, Georges. *A Literatura e o Mal*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 14.

<sup>6</sup> BATAILLE, GEORGES. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 55.

<sup>7</sup> Entretanto, é importante ressaltar que, para Bataille, não é toda atividade sexual humana que é erótica. Ela somente torna-se erótica na medida em que ela deixa de ser rudimentar tal qual ela é em relação à atividade sexual dos animais: "Seja como for, se o erotismo é a atividade sexual do homem, isso ocorre na medida em que ela difere da dos animais. A atividade sexual dos homens não é necessariamente erótica. Ela só o é quando deixa de ser rudimentar, simplesmente animal." BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 54.

O animal também tem uma vida subjetiva, mas essa vida, ao que parece, é dada a ele, como o são os objetos inertes, de uma vez por todas. O erotismo do homem difere da sexualidade animal justamente por colocar em questão a vida interior. *O erotismo é, na consciência do homem, o que nele coloca o ser em questão.* A sexualidade animal também introduz um desequilíbrio, e esse desequilíbrio ameaça a vida, mas o animal não o sabe.<sup>8</sup>

Outro fator que difere o erotismo humano da sexualidade animal é o fato de que a escolha humana por qualquer objeto desejado surge a partir dessa mesma vida interior que o sujeito desejante possui. Desejamos as pessoas na medida em que nossa subjetividade é afetada, e não na medida em que a pessoa possua uma característica objetiva. Ou seja, preferências por determinadas características em pessoas depende puramente do gosto pessoal do indivíduo que deseja. O objeto desejado que está fora de nós responde ao que está dentro de nós, conforme afirma Bataille:

O erotismo é um dos aspectos da vida interior do homem. Enganamo-nos quanto a isso porque ele busca incessantemente *no exterior* um objeto de desejo. A escolha de um objeto depende sempre dos gostos pessoais do sujeito: mesmo se ela recai sobre a mulher que a maioria teria escolhido, o que está em jogo é muitas vezes um aspecto inapreensível, não uma qualidade objetiva dessa mulher, que não teria talvez, se não tocasse em nós o ser interior, nada que nos forçasse a preferi-la.<sup>9</sup>

Outro ponto, no qual podemos apontar a diferença da vida sexual do homem comparada com a do animal, é o fato de que, para Bataille, a atividade sexual humana é, essencialmente, transgressora. O erotismo é uma transgressão organizada, assim como a guerra:

Na esfera humana, a atividade sexual se separa da simplicidade animal. Ela é essencialmente uma transgressão. Não é, após o interdito, o retorno à liberdade primeira. A transgressão é própria à humanidade organizada pela atividade laboriosa. A própria transgressão é organizada;

é na medida em que é organizado que ele muda através do tempo.<sup>10</sup>

O erotismo é, portanto, uma experiência interior do homem. Mais precisamente, uma característica da vida religiosa do homem.<sup>11</sup> Religiosa não no sentido de uma doutrina em específico; mas, sim, da religião em geral: "É *a religião*, sem dúvida, mas se define justamente pelo fato de que, desde o princípio, não se trata de uma religião particular".<sup>12</sup>

É necessário agora explicitar o termo "experiência interior", pois é de tal forma que Bataille conceitualiza o erotismo. E sendo uma experiência interior, o erotismo está incluído na dimensão religiosa da vida humana. O animal não possui tal experiência pelo fato de sua vida ser dada a ele tal qual um objeto. Para explicar melhor essa temática, precisamos realizar um excuro em nossa trajetória abrindo um parêntese, sendo que tanto o erotismo como a experiência interior são exclusivas da humanidade.

### 1.1.1 O Erotismo enquanto experiência interior

Bataille possui uma obra com esse mesmo nome: *A Experiência Interior*, o primeiro volume de sua *Suma Ateológica*. O escritor oferece-nos a seguinte caracterização desse fenômeno: de acordo com Bataille, a experiência interior seria uma espécie de sinônimo de experiência mística. No entanto, Bataille faz uma ressalva. De acordo com o autor, a experiência interior é mística não no sentido de confissão, mas mística no sentido de intensidade, uma experiência de extrapolação de limites, de libertação de grilhões:

Entendo por *experiência interior* aquilo que habitualmente se nomeia *experiência mística*: os estados de êxtase, de arrebatamento ou ao menos de emoção meditada. Mas penso menos na experiência *confessional*, a que os místicos se ativeram até aqui, do que numa experiência nua, livre de amarras, e mesmo de origem, que a prendam a qualquer confissão que seja. É por isso que não gosto da palavra 'mística'.<sup>13</sup>

<sup>8</sup> BATAILLE, GEORGES. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 53, grifo do autor.

<sup>9</sup> BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 53, grifos do autor.

<sup>10</sup> BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 132.

<sup>11</sup> "Minha intenção é, ao contrário, considerar no erotismo um aspecto da *vida interior*, se quisermos, da vida religiosa do homem." BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 55, grifo do autor.

<sup>12</sup> BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 56, grifo do autor.

<sup>13</sup> BATAILLE, Georges. *A Experiência Interior, seguida de Método de Meditação e Postscriptum 1953: Suma Ateológica, vol. I*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 33, grifo do autor.

Percebemos como o conceito de *experiência interior* para Bataille é similar ao de *experiência mística*; no entanto, Bataille radicaliza a noção de mística para poder chegar até onde os místicos ortodoxos não conseguiram chegar por causa de seus dogmas. O francês afirma, para corroborar com nossa afirmação, que tal fenômeno está fundamentado pelo não saber e permanece como um não saber:

Quis que o não-saber fosse seu princípio – no que segui, com um rigor mais áspero, um método no qual os cristãos primaram (foram tão longe nessa via quanto o dogma permitiu). Mas essa experiência, nascida do não-saber, nele permanece decididamente. Não é inefável, não a traímos falando dela, mas nas questões do saber ela furta ao espírito até mesmo as respostas que ele ainda tinha. A experiência nada revela e não pode fundar a crença nem partir dela.<sup>14</sup>

É uma experiência que põe em questão todos os nossos dogmas; uma vivência que abala as próprias estruturas de nosso mundo. Ciro Marcondes Filho, ao comentar essa questão da experiência interior presente na obra batailliana, constata que essas vivências baseadas no não saber são tais quais “viagens”. Viagens que transgridem o limite do nosso mundo racional em direção àquilo que antes parecia inalcançável e incomunicável, apenas comunicável quando outrem também tem a mesma sensação. O transe que o indivíduo está não é místico no sentido tradicional do termo, vai além da mística tradicional:

Há estados chamados de *extremo possível do homem*. São situações de êxtase, arrebatamento, delírio, encantamento, mas, basicamente formas de êxtase que, segundo Bataille, devem ser analisadas ‘fora’ da prática religiosa. Trata-se dos transe vivenciados em momentos livres de amarras, nus, pouco místicos no sentido tradicional. São ‘viagens’, mas viagens que – como na paixão – ultrapassam o limite, vão além das práticas que têm o conhecimento como meta, a saber, viagens em que se segue se e se prossegue muito além do saber, da consciência, da razão. Uma recusa, portanto, das questões

relacionadas aos projetos e às palavras, que, no seu modo de ver, estão ligados ao profano.<sup>15</sup>

Conforme vemos nesse trecho, a experiência interior ultrapassa a barreira do mundo racional, negando palavras, projetos e, logo, o mundo do trabalho onde imperam os interditos. Esse método proposto por Bataille pressupõe que se negue várias motivações para ocorrer uma experiência interior legítima, como afirma o filósofo. Não podemos ter uma motivação dogmática, científica, muito menos uma puramente estética. A experiência interior é um fim em si mesma e possui valor e autoridade. No entanto, todos os outros valores e autoridades devem ser esquecidos em prol do avanço dessa experiência:

A experiência interior, por não poder ter princípio nem num dogma (atitude moral), nem na ciência (o saber não pode ser nem seu fim nem sua origem), nem na busca de estados enriquecedores (atitude estética, experimental), também não pode ter outro anseio nem outro fim que não ela própria. Abrindo-me à experiência interior postulei seu valor, sua autoridade. Não posso de agora em diante ter outro valor nem outra autoridade. Valor, autoridade implicam o rigor de um método, a existência de uma comunidade.<sup>16</sup>

A experiência interior atinge, em seu ápice, uma junção entre o sujeito e o objeto, em um plano além da racionalidade, conforme afirma Filho, no tocante ao fato desta experiência brotar do não-saber:

A experiência interior, enquanto extremo do possível, é o atingimento da fusão entre sujeito e objeto, um amalgamento que se realiza num plano totalmente extra-racional, pois aqui o sujeito deve manifestar-se como um não-saber e o objeto, como algo desconhecido.<sup>17</sup>

Para esclarecermos mais o método traçado por Bataille, podemos afirmar que ele é diferente do método fenomenológico esboçado por Edmund Husserl. Ao passo que Husserl mantém em sua filosofia uma espécie de sujeito cartesiano, Bataille postula um sujeito pós-nietzschiano, ou seja,

<sup>14</sup> BATAILLE, Georges. *A Experiência Interior, seguida de Método de Meditação e Postscriptum 1953: Suma Ateológica, vol. I*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 33-34.

<sup>15</sup> FILHO, C. M. Paixão, Erotismo e Comunicação: Contribuições de um Filósofo Maldito, Georges Bataille. *Hypnos*, São Paulo, n. 21, p. 208-230, 2008. p. 210.

<sup>16</sup> BATAILLE, Georges. *A Experiência Interior, seguida de Método de Meditação e Postscriptum 1953: Suma Ateológica, vol. I*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 33-37.

<sup>17</sup> FILHO, C. M. Paixão, Erotismo e Comunicação: Contribuições de um Filósofo Maldito, Georges Bataille. *Hypnos*, São Paulo, n. 21, p. 208-230, 2008. p. 210.

fragmentado, frágil. Um sujeito em sentido mais fraco. Bataille fala de sentimento de si, enquanto Husserl permanece com o conhecimento de si. De acordo com Ciro Marcondes Filho, que também cita Derrida para ilustrar tal diferença desses dois métodos e seus pressupostos no tocante às bases filosóficas deles:

O plano da interioridade de Husserl, o de seu monólogo interior, é o lugar das representações imaginárias e da fantasia, lugar de origem dos fenômenos expressivos puros, em uma palavra, *locus* de matriz das significações. É lá que tudo começa. Derrida viu nisso um ranço cartesiano em Husserl. Bataille livra-se dessa acusação ao dizer que o eu dilui-se na experiência interior e o objeto torna-se desconhecido. Em vez do eu, um *ipse* frágil, trêmulo, funde-se à coisa desconhecida. Nenhum traço, portanto, do sujeito cartesiano. Inclusive porque Bataille supõe a existência dessa experiência interior também nos animais. É uma experiência que implica um sentimento de si, sentimento este que não tem nada a ver com a consciência de si, frisa ele. Como a vida solitária da alma, contudo, é algo igualmente incomunicável.<sup>18</sup>

Nessa citação de Filho, vemos uma menção ao termo "sentimento de si". Sobre esse conceito, Bataille afirma que o que estaria na base da experiência interior seria um *sentimento de si*, e não a consciência de si, pois essa ocorre somente na humanidade e é consecutiva à consciência dos objetos, ao passo que o sentimento de si (além de ser algo incomunicável tal qual a própria experiência interior) varia conforme o sujeito que o experimenta se isola em sua descontinuidade. Conforme afirma o filósofo Bataille, que ressalta o fator de incomunicabilidade desta sensação:

Da experiência interior que não posso ter, nem mesmo representar por hipótese, não posso entretanto ignorar que, por definição, ela implica em sua base um *sentimento de si*. Esse sentimento elementar não é a *consciência de si*. A consciência de si é consecutiva àquela dos objetos, que só se dá distintamente na humanidade. Mas o sentimento de si varia necessariamente na medida em que aquele que o experimenta se isola em sua descontinuidade.<sup>19</sup>

Sabemos agora que o erotismo é uma experiência interior. E essa é fundada por uma negação do saber, um não saber. Uma experiência onde não há a consciência de si e, sim, o sentimento de si. Antes de podermos passar aos tipos de erotismo, precisamos ver em que medida a morte está imbricada com o erotismo, e em que sentido este pertence ao domínio da violência. Explicitando isso, podemos chegar aos tipos de erotismo.

### 1.1.2 Erotismo: domínio da violência e sua proximidade à morte

O erotismo pertence ao domínio da violência no sentido em que ele nos arranca do estado de descontinuidade para nos colocar no ramo da continuidade:

Essencialmente, o domínio do erotismo é o domínio da violência, o domínio da violação. Mas reflitamos sobre as passagens da descontinuidade à continuidade dos seres ínfimos. Se nos remetemos à significação que esses estados têm para nós, compreendemos que o arrancamento do ser à descontinuidade é sempre o mais violento.<sup>20</sup>

O que está em jogo durante o erotismo é a dissolução das estruturas fechadas de ser, tendo como finalidade atingir o âmago do ser, como afirma Bataille: "Toda a operação do erotismo tem por fim atingir o ser no mais íntimo, no ponto em que o coração desfalece."<sup>21</sup> Ou seja, podemos dizer que quanto mais se chega ao ápice no erotismo, mais próximo se está da morte. Ciro Marcondes Filho afirma o seguinte a respeito desse papel do erotismo: "quanto maior é a violação, maior é o erotismo e, logo, maior o prazer".<sup>22</sup> É pelo fato de abalar as estruturas do ser descontínuo que o erotismo foi marcado como pecaminoso ao longo de nossa história enquanto humanidade:

<sup>18</sup> FILHO, C. M. Paixão, Erotismo e Comunicação: Contribuições de um Filósofo Maldito, Georges Bataille. *Hypnos*, São Paulo, n. 21, p. 208-230, 2008. p. 214.

<sup>19</sup> BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 123-124. grifo do autor.

<sup>20</sup> BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 40.

<sup>21</sup> BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 41.

<sup>22</sup> FILHO, C. M. Paixão, Erotismo e Comunicação: Contribuições de um Filósofo Maldito, Georges Bataille. *Hypnos*, São Paulo, n. 21, p. 208-230, 2008. p. 215.

O erotismo, portanto, situa-se fora do campo da normalidade, da regularidade, da ordem. Ele está, ao contrário, no terreno da violação, da dissolução da ordem constituída. Maior a violação, maior o erotismo, maior o prazer. Diz Bataille que toda a atividade do erotismo tem por finalidade atingir o mais íntimo, o ponto onde ficamos sem forças. Seu objetivo é destruir a estrutura de ser fechado que temos, a estrutura de nossa descontinuidade, que nos separa dos outros, que nos torna seres avulsos no mundo. Daí assumir ele a forma de maldição, condenação, pecado.<sup>23</sup>

A ação que abre as portas ao erotismo é, segundo Bataille, o desnudamento. Pois, de acordo com o filósofo francês, é porque: "a nudez se opõe ao estado fechado, ou seja, ao estado de existência descontínua. É um estado de comunicação, que revela a busca de uma continuidade possível do ser para além do fechamento em si mesmo".<sup>24</sup>

Se, à atividade erótica, falta o aspecto de violência e de rompimento de subjetividade, ela, segundo Bataille, tem mais dificuldade de atingir seu ápice. Aqui Bataille resgata a obra do Marquês de Sade, pois em seus romances ele define como ápice da atividade sexual o assassinato. No entanto, Bataille discorda de Sade nesse ponto. Para o autor de *A História do Olho*, a vida descontínua não é completamente destruída durante o ato erótico, ela é apenas posta em questão, desafiada. A busca pela continuidade encabeçada no erotismo não é uma busca por uma continuidade definitiva, tal qual a morte, mas apenas uma maneira de lembrá-la até certo ponto:

Apenas poderíamos dizer que, se o elemento de violação, ou mesmo de violência, que a constitui, vem a faltar, a atividade erótica mais dificilmente atinge a plenitude. [...] O fato de que, em seus romances, o marquês de Sade define no assassinato o ápice da excitação erótica tem apenas este sentido: levando às últimas consequências o movimento esboçado que descrevi, não nos afastamos necessariamente do erotismo. Há na passagem da atitude normal ao desejo uma fascinação fundamental pela morte. O que está

em jogo no erotismo é sempre uma dissolução das formas constituídas. [...] Mas, no erotismo, menos ainda do que na reprodução, a vida descontínua não é condenada, a despeito de Sade, a desaparecer: ela é apenas colocada em questão. Ela deve ser perturbada, desordenada ao máximo. Há busca da continuidade, mas, em princípio, somente se a continuidade que só a morte dos seres descontínuos estabeleceria definitivamente, não prevalecer.<sup>25</sup>

A filósofa Silvia Lippi trata acerca da noção de transgressão e afirma que "o erotismo é a experiência de um desejo ilimitado que pode ir até a morte, seja do outro ou de si mesmo. O erotismo é, inevitavelmente, transgressor, visto que o desejo humano é excesso".<sup>26</sup> Segundo Lippi, o ato de amor consiste precisamente nessa resistência no que diz respeito à morte. O sujeito que se encontra no ato erótico precisa, em um primeiro momento, aceitar toda destruição que advém com o ato, e, em um momento posterior, resistir a essa força para o gozo poder retornar ao campo do possível, e para não morrer:

Todo amor passional nos faz reviver a morte na origem da existência, o medo de ser destruído pelo mundo no qual se surge. O amor é obrigatoriamente traumático: entregando-se a todo amor forte, o sujeito se abandona a uma força destrutiva que detém todo o poder sobre nós. O jogo do amor consiste em resistir a essa força ao mesmo tempo deixando-se invadir: é entre aceitação (deixar-se invadir: a primeira forma de transgressão) e resistência (dizer 'não': a segunda forma de transgressão) que o gozo encontra seu lugar, voltando para dentro do território do possível.<sup>27</sup>

Lucia Castello Branco, em sua obra de introdução à temática do erotismo, nos explica como Bataille chega à tese de que morte e vida estão mais próximas do que aparentam estar. Bataille parte do fato biológico das reproduções dos seres, tanto a assexuada quanto a sexuada, e ele constata, em ambas reproduções, o fato de que um ser precisou morrer para gerar outro ser. No caso assexuado, é porque a célula se divide

<sup>23</sup> FILHO, C. M. Paixão, Erotismo e Comunicação: Contribuições de um Filósofo Maldito, Georges Bataille. *Hypnos*, São Paulo, n. 21, p. 208-230, 2008. p. 215.

<sup>24</sup> BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 41.

<sup>25</sup> BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 42.

<sup>26</sup> LIPPI, S. Os Percursos da Transgressão (Bataille e Lacan). Trad. Pedro Henrique Bernardes Rondon. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 173-183, jul.-dez 2009. p. 173.

<sup>27</sup> LIPPI, S. Os Percursos da Transgressão (Bataille e Lacan). Trad. Pedro Henrique Bernardes Rondon. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 173-183, jul./dez. 2009. p. 176.

em duas,<sup>28</sup> no caso sexuado, é pelo fato de que o óvulo e o espermatozoide precisam deixar de existir para nascer um outro ser.<sup>29</sup>

Bataille parte de um fato biológico e o estende a suas considerações filosóficas. Observando a reprodução assexuada e sexuado dos seres, ele concluirá que, para se originar uma nova vida, é necessário que uma antiga vida se desfaça, deixe de existir. Na reprodução assexuada, a célula se divide em dois núcleos no momento de seu crescimento, ou seja, de um núcleo resultam dois. Houve, portanto, o desaparecimento, a morte de um ser para que houvesse o nascimento de outro. Algo semelhante ocorre na reprodução sexuada: é necessário que o espermatozoide e o óvulo deixem de existir para que se origine novo ser. A vida é, portanto, produto de decomposição da própria vida.<sup>30</sup>

De acordo com Bataille, ainda sobre estes fatos biológicos, a vida surge a partir do fim da vida. Alguém precisa morrer para outrem ocupar seu espaço, e depois de morrer esse primeiro indivíduo, a corrupção pela qual o cadáver tem como característica demonstra colaborar para a manutenção de outros seres:

A morte de alguém é correlativa ao nascimento de outro alguém, que ela anuncia e de que é a condição. A vida é sempre um produto da decomposição da vida. Ela é tributária, em primeiro lugar, da morte, que desocupa a vaga; em seguida, da corrupção que segue a morte e recoloca em circulação as substâncias necessárias à incessante vinda ao mundo de novos seres.<sup>31</sup>

Ciro Marcondes Filho, em sua obra *A Produção Social da Loucura*, nos explicita mais sobre a relação entre a violência e o erótico na obra de Georges Bataille. Isto é o que ele afirma:

Erotismo e violência estão dentro de um mesmo terreno. O domínio do erotismo é o domínio da

violência, da violação; há uma relação íntima entre morte e excitação sexual. O erotismo está associado à primeira. Nesse ponto, Bataille usa-se de Sade: na morte está a ideia libertina. A morte é a violência maior, arranca-nos de nossa obstinação de ver durar o descontínuo que somos. O erotismo em Bataille está nos corpos, nos corações e no sagrado.<sup>32</sup>

A partir desse trecho escrito por Ciro Marcondes Filho, podemos ver que a fonte para esse pensamento de Bataille acerca da relação entre morte e sexualidade é o Marquês de Sade. No entanto, como destacamos acima, Bataille discorda de Sade no tocante à questão da perda de continuidade: para Bataille o erotismo apenas põe em questão tal característica do homem, enquanto, para Sade, o erotismo destrói tal noção. Para Bataille, essa violência sexual abre uma chaga,<sup>33</sup> chaga essa que se abriu por causa de uma crise de isolamento.<sup>34</sup> A crise de isolamento da descontinuidade transborda para a plethora, tanto nos seres assexuados quanto nos sexuados. No caso destes últimos, os órgãos sexuais ficam preenchidos de energia em excesso, e precisam gastá-la; no entanto, como havíamos visto antes, a superabundância sempre carrega em si a possibilidade da morte:

O fundamento objetivo da crise é a plethora. Na esfera dos seres assexuados, esse aspecto se faz evidente desde o princípio. Há crescimento: o crescimento determina a reprodução – consequentemente, a divisão –, determina, portanto, a morte do indivíduo pletórico. Esse aspecto é menos claro na esfera dos seres sexuados. Mas a superabundância da energia também é a base da entrada em atividade dos órgãos sexuais. E, como para os seres mais simples, essa superabundância traz em si a morte.<sup>35</sup>

<sup>28</sup> "Na reprodução assexuada, o ser simples que a célula é se divide em certo ponto de seu crescimento. Formam-se dois núcleos e, de um só ser, resultam dois. Mas não podemos dizer que um primeiro ser de nascimento a um segundo. Os dois seres novos são a mesmo título produtos do primeiro. O primeiro ser desapareceu. Essencialmente, ele está morto, uma vez que não sobrevive em nenhum dos dois seres que produziu." BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 37.

<sup>29</sup> "O espermatozoide e o óvulo são, em seu estado elementar, seres descontinuos, mas se unem e, em consequência, uma continuidade se estabelece entre eles para formar um novo ser a partir da morte, da desaparecimento dos seres separados. O novo ser é, ele próprio, descontínuo, mas traz em si a passagem à continuidade, a fusão, mortal para cada um deles, dos dois seres distintos." BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 38, grifo do autor.

<sup>30</sup> CASTELLO BRANCO, L. *O que é Erotismo?* 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 35.

<sup>31</sup> BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 79.

<sup>32</sup> FILHO, C. M. *A Produção Social da Loucura*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 104.

<sup>33</sup> "Na vida humana, ao contrário, a violência sexual abre uma chaga. Raramente a chaga volta a se fechar por si só: é necessário fechá-la." BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 129.

<sup>34</sup> "Os momentos de plethora em que os animais são tomados pela febre sexual são momentos de crise de seu isolamento" BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 122.

<sup>35</sup> BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 124.



Outra característica que nos expõe o lado violento do erotismo é o suplício. O erotismo, quando levado a suas últimas consequências, é um movimento de morte, conforme havíamos afirmado anteriormente. Ciro Marcondes Filho afirma, a partir de Bataille, que todo homem é um assassino em potencial, no sentido que quando estamos próximos do desejo sexual também estamos próximos do desejo de matar: "O desejo de matar estaria aí, assim, associado ao desejo sexual, o que explicaria, segundo Bataille, também os massacres, onde existiria em cada homem um assassino em potencial".<sup>36</sup> Bataille ressalta como a "crueldade é o aspecto especificamente humano da guerra".<sup>37</sup> Segundo o francês, a crueldade não é algo necessariamente erótico, mas pode dar origem a outras formas de violência que são organizadas pela transgressão, pois são domínios muito fluidos:

A violência, que não é em si mesma cruel, é, na transgressão, o feito de um ser que a organiza. A crueldade é uma das formas da violência organizada. Não é forçosamente erótica, mas pode derivar para outras formas da violência que a transgressão organiza. Como a crueldade, o erotismo é meditado. A crueldade e o erotismo se ordenam no *espírito* possuído pela resolução de ir além dos limites do interdito. Essa resolução não é geral, mas sempre é possível deslizar de um domínio ao outro.<sup>38</sup>

O prazer que temos ao sujeitar outrem a situações degradantes, ao vê-lo suplicar e implorar aos nossos pés, é mais gratificante do que o prazer que temos durante a batalha. Para sustentar isso, Ciro Marcondes Filho usa como exemplo os relatos dos oficiais dos campos de concentração nazistas:

Há algo de saboroso no suplício dos prisioneiros, constata Bataille. Pudemos ter provas suficientes disso nos relatos dos campos de extermínio nazistas, em que jovens oficiais e ex-presidiários que comandavam os campos desfrutavam prazeres singulares ao participarem da máquina de extermínio do regime totalitário. Este

prazer, o prazer na morte do outro, o prazer do suplício, que, para Bataille, é mais saboroso que o próprio combate, liga-se ao extremo do possível. É tanto mais prazer, exatamente, pela sua radicalidade, pela sua transgressividade total, inusitada, única.<sup>39</sup>

Ficou claro, portanto, a similaridade entre morte e erotismo pelos fatores da superabundância de energia e a necessidade de gastá-la, a partir da observação de fatos biológicos referentes tanto a seres sexuados quanto assexuados, e o aspecto de crueldade presente no ato. No entanto, falta ainda esclarecer o que viria a ser a pletoira e, para fazer isso, temos que relacionar o erotismo ao sacrifício, passo necessário para falarmos a respeito do erotismo sagrado.

#### 1.1.2.1. *Erotismo e sacrifício*

Bataille afirma que os antigos davam muita importância à prática do sacrifício, inclusive aproximavam esse fenômeno ao ato de amor, coisa que, com o advento do cristianismo, foi-se perdendo na sociedade ocidental. O cristianismo rejeita veementemente transgressões, dando a tais atos a alcunha de "pecado". O que se manteve de sacrificial no cristianismo foi a prática da missa, que, entretanto, Bataille ressalta que é apenas uma reminiscência vaga do sacrifício realizado pelas sociedades antigas, conforme ele afirma:

Falei na *Introdução* da aproximação que os antigos faziam entre o ato de amor e o sacrifício. Os antigos tinham mais do que nós o sentimento imediato de sacrifício. Nós estamos muito longe de sua prática. O sacrifício da missa é uma reminiscência disso, mas apenas raramente consegue atingir a sensibilidade de uma maneira bastante viva. [...] A principal dificuldade reside na repugnância que o cristianismo tem geralmente pela transgressão da lei.<sup>40</sup>

O fenômeno do sacrifício fora uma temática que fascinou Bataille, tanto em sua vida pessoal quanto na sua vida intelectual. O autor conceitualiza o sacrifício da seguinte forma em sua

<sup>36</sup> FILHO, C. M. Paixão, *Erotismo e Comunicação: Contribuições de um Filósofo Maldito*, Georges Bataille. *Hypnos*, São Paulo, n. 21, p. 208-230, 2008. p. 214.

<sup>37</sup> BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 102.

<sup>38</sup> BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 103.

<sup>39</sup> FILHO, C. M. Paixão, *Erotismo e Comunicação: Contribuições de um Filósofo Maldito*, Georges Bataille. *Hypnos*, São Paulo, n. 21, p. 208-230, 2008. p. 215.

<sup>40</sup> BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 113, grifos do autor.



obra *Teoria da Religião*: segundo ele, o sacrifício é outra expressão do dispêndio improdutivo de energia, indo contra o produtivismo da sociedade pautada pelo trabalho e pelas proibições. Porém, no campo religioso:

O sacrifício é a antítese da produção, feita com vistas ao futuro, é o consumo que só tem interesse para o próprio instante. [...] Sacrificar é dar como se dá o carvão à fornalha. Mas a fornalha costuma ter uma inegável utilidade, a que o carvão está subordinado, ao passo que, no sacrifício, a oferenda é furtada a qualquer utilidade.<sup>41</sup>

Bataille, em um texto que versa acerca de Hegel e a interpretação de Kojève acerca do filósofo alemão e sua conceitualização de sacrifício e de morte, afirma-nos o seguinte acerca da relação entre sacrificado e sacrificante durante esse ato religioso: segundo o filósofo francês, o ser que presencia o sacrifício, ao ver o animal sendo sacrificado, também morreria por dentro, portanto se identificando com a vítima do espetáculo do sacrifício.

No sacrifício, o sacrificante se identifica com o animal atingido pela morte. Assim, ele morre vendo-se morrer, e até mesmo de certo modo, por sua própria vontade, fazendo um só corpo com a arma do sacrifício. Mas é uma comédia!<sup>42</sup>

Mencionamos, anteriormente, em nossa conceitualização do erotismo, que a nudez é a chave para o balançar das estruturas fundantes do ser. Porém, para Bataille, a nudez não é apenas nudez, ela é equivalente à imolação presente no sacrifício: "O desnudamento, considerado nas civilizações em que tem um sentido pleno, é, senão, um simulacro, ao menos uma equivalência da imolação".<sup>43</sup> Fica claro agora a semelhança entre o erotismo e o sacrifício religioso: ambos são atos que

mostram a carne, de acordo com Bataille; ambos os atos exibem a convulsão dos órgãos, no sacrifício de forma externa, no erotismo de forma interna.

O que o ato de amor e o sacrifício revelam é a *carne*. O sacrifício substitui a vida ordenada do animal pela convulsão cega dos órgãos. O mesmo se dá com a convulsão erótica: ela libera órgãospletóricos cujos jogos cegos prosseguem além da vontade refletida dos amantes. A essa vontade refletida, sucedem os movimentos animais desses órgãos inchados de sangue. Uma violência, que a razão não controla mais, anima esses órgãos, tensiona-os até a explosão e, de repente, é a alegria dos corações de ceder ao excesso dessa tempestade. O movimento da *carne* excede um limite na ausência da vontade. *A carne* é em nós esse excesso que se opõe à lei da decência.<sup>44</sup>

A própria vida humana é um excesso. De acordo com Bataille, a carne é uma demonstração desse excesso que nos gerou e pelo qual somos guiados. A violência, que está presente em ambos os fenômenos, manifesta-se da seguinte forma de acordo com Bataille: "O que a violência exterior do sacrifício revelava era a violência interior do ser percebida sob a luz da efusão do sangue e do jorro dos órgãos".<sup>45</sup> Em outras palavras, o que o sacrifício faz é expor a quem vê o ato a violência que está dentro de si mesmo; a pleora dos órgãos age em ambos os atos: o ato de amor e o ato sacrificial.

Conseguimos expor a semelhança entre os dois fenômenos de análise. Tivemos que fazer isso para podermos explicitar as formas de erotismo que, conforme Bataille afirma, são três: dos corpos, dos corações e o sagrado. Os dois primeiros são de fácil percepção, ao passo que o último é mais complexo, pois é necessário adentrar no campo do sagrado, campo religioso.<sup>46</sup> E os três possuem em comum a troca da descontinuidade pela continuidade.<sup>47</sup>

<sup>41</sup> BATAILLE, Georges. *Teoria da Religião, seguida de "Esquema de uma História das Religiões"*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 42-43

<sup>42</sup> BATAILLE, Georges. Hegel, a Morte e o Sacrifício. Trad. João Camillo Penna. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 389-413, jul-dez 2013, p. 404.

<sup>43</sup> BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 41.

<sup>44</sup> BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 116, grifos do autor.

<sup>45</sup> BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 115.

<sup>46</sup> "É fácil ver o que o erotismo dos corpos ou dos corações designa, mas a ideia de erotismo sagrado é menos familiar. A expressão, aliás, é ambígua, na medida em que todo erotismo é sagrado, mas encontramos os corpos e os corações sem entrar na esfera sagrada propriamente dita. Ao passo que a busca de uma continuidade do ser levada a cabo sistematicamente para além do mundo imediato designa uma abordagem essencialmente religiosa." BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 39.

<sup>47</sup> "Falarei sucessivamente dessas três formas, a saber, o erotismo dos corpos, o erotismo dos corações e, enfim, o erotismo sagrado. Falarei delas a fim de mostrar claramente que, nelas, o que está sempre em questão é a substituição do isolamento do ser, de sua descontinuidade, por um sentimento de continuidade profunda." BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 39.

A primeira forma de erotismo enunciada por Bataille, o erotismo dos corpos, possui como característica, de acordo com Ciro Marcondes Filho, a violação de um ser descontínuo. Essa modalidade de erotismo prepara o ser para fundir-se com outro, de modo que a estrutura do ser fechado é desestruturada e na qual ambos atingem um mesmo ponto de fluidez:

No erotismo dos corpos há a violação de um ser descontínuo; esse tipo de erotismo prepara a fusão em dois seres, que finalmente se confundem nos corpos e, juntos, atingem o mesmo ponto de dissolução. A fusão dos corpos é a destruição da estrutura do ser fechado.<sup>48</sup>

O erotismo dos corações, Bataille concede, na maioria das vezes, surge a partir do erotismo dos corpos, mesmo sendo mais imaterial que o erotismo dos corpos no tocante à aparência e, também, mais livre. No entanto, também há a possibilidade de desvinculação desse erotismo dos corpos, tornando-se um amor inteiramente dos corações, embora isso seja raro na visão de Bataille. Esse erotismo dos corações pode servir, na maioria dos casos, para fortalecer os laços do erotismo dos corpos:

O erotismo dos corações é mais livre. Se se separa em aparência da materialidade do erotismo dos corpos, procede dele, sendo muitas vezes apenas um aspecto seu estabilizado pela afeição recíproca dos amantes. Ele pode se desvincular inteiramente do erotismo dos corpos, mas então se trata de exceções, daquelas que a ampla diversidade dos seres humanos reserva.<sup>49</sup>

No entanto, o erotismo dos corações possui um mal secreto, conforme afirma Ciro Marcondes Filho: durante essa busca pelo coração do ser amado, o sujeito que procura pode, nos movimentos violentos da paixão, dar uma guinada em direção à morte. Porque, quando não podemos possuir a pessoa amada, muitas das vezes, preferimos ver ela morta do que viva. Ciro Marcondes Filho ressalta como o movimento da paixão é o movimento da morte, e nos fala também sobre o papel do ser amado segundo Bataille, enquanto verdade do ser, libertação do mundo:

Já no erotismo dos corações, há um componente sinistro. A paixão é a substituição da descontinuidade por uma maravilhosa continuidade dos seres; há, porém, também a angústia, porque se trata de busca de um impossível. A morte está envolvida no ser amado; se não se pode possuir o ser amado, pensa-se em matá-lo. [...] Para Bataille, o ser amado é a representação, o instrumento da libertação; é também a violação do isolamento individual, transparência do mundo, daí, ser pleno, ilimitado, continuidade do ser, 'verdade do ser'. O movimento do amor levado ao extremo é, assim, o movimento da morte; deseja-se matar o ser amado se não se pode tê-lo.<sup>50</sup>

Sobre a terceira forma do erotismo, o erotismo sagrado, nós já a abordamos ao falar acerca da relação entre o erótico e o sacrifício. Ainda segundo Ciro Marcondes Filho, ele afirma que ambos os atos revelam a carne. O erotismo sagrado é similar ao sexo no seguinte sentido: a desagregação do animal imolado lembra, ao observador do sacrifício, a desagregação da mulher, seu desnudamento:

O terceiro tipo de erotismo, o erotismo sagrado, está marcado no sacrifício. A continuidade do ser nesse caso se dá através da morte, que Bataille chama de 'morte criadora de um ser descontínuo'. Tanto o sacrifício quanto o erotismo revelam, aí, a carne. O erotismo sagrado é a experiência mística; nele, vê-se a ausência de um objeto (a descontinuidade) que nos introduz em um sentido de continuidade. No erotismo sagrado, existe algo semelhante ao sexo; o sacrificador desagrega o animal imolado, assim como o amante desagrega, ou seja, desnuda, deseja penetrar na mulher.<sup>51</sup>

Outra atividade que, segundo Bataille, é uma forma de erotismo sagrado, é a prática da orgia. Para ele, a orgia é a forma mais sensível de apreender a continuidade dos seres, visto a quantidade de pessoas que participam de tal ato sexual. Porém, engana-se quem acredita que os indivíduos durante esse ato sabem o que fazem, muito pelo contrário, eles estão completamente perdidos. Perdidos ao ponto de negar sua individualidade e a individualidade dos outros. Para Bataille, isso é a expressão máxima da supressão dos limites que é o sentido último do erotismo:

<sup>48</sup> FILHO, C. M. *A Produção Social da Loucura*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 104.

<sup>49</sup> BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 45.

<sup>50</sup> FILHO, C. M. *A Produção Social da Loucura*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 104.

<sup>51</sup> FILHO, C. M. *A Produção Social da Loucura*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 105.

A orgia é o aspecto sagrado do erotismo, em que a continuidade dos seres, para além da solidão, atinge sua expressão mais sensível. Mas apenas num sentido. A continuidade, na orgia, é inapreensível; os seres, no limite, estão perdidos ali, mas num conjunto confuso. A orgia é necessariamente decepcionante. É, em princípio, negação acabada do aspecto individual. A orgia supõe, exige, a equivalência dos participantes. Não apenas a individualidade própria está submersa no tumulto da orgia, mas cada participante nega a individualidade dos outros. Aparentemente, é a completa supressão dos limites, mas não se pode fazer com que nada sobreviva de uma diferença entre os seres, à qual, além do mais, está ligada a atração sexual. *O sentido último do erotismo é a fusão, a supressão dos limites.*<sup>52</sup>

No entanto, como afirmamos na seção dedicada à problemática do sacrifício, o cristianismo fez com que esquecêssemos o sacrifício enquanto ato. E, além do mais, também rejeitou o erotismo como um todo. Ciro Marcondes Filho afirma o seguinte: "O cristianismo significa a rejeição da impureza e, para Bataille, erotismo é impureza; significa a redução ao bem".<sup>53</sup> O cristianismo caracterizou tudo que era tido como transgressor sob a categoria de pecado. Bataille compara as religiões antigas e o cristianismo da seguinte forma: "A religiosidade primitiva extraiu dos interditos o espírito da transgressão. Contudo, no conjunto, a religiosidade cristã se opôs ao espírito de transgressão".<sup>54</sup> O cristianismo realizou o seguinte movimento segundo Ciro Marcondes Filho:

No cristianismo, desaparece a semelhança entre devoção de sacrifício e erotismo desenfreado. Antes do seu aparecimento, a violência interior do ser no amor; depois, com ele, o sacrifício sai do conjunto da experiência dos seres e a imaginação substitui a prática, ou seja, o cristianismo provoca a quebra da unidade do sagrado, que era formada pelo puro mais o impuro. Estava na transgressão o fundamento do sagrado.<sup>55</sup>

O cristianismo foi, portanto, na contramão das religiões antigas: ao passo que essas reconheciam o fundamento do sagrado na transgressão, a religião abraâmica negou a transgressão enquanto fundamento do sagrado e enquanto prática regulada

pela própria religião institucional. Outra diferença entre a atitude cristã e a atitude das religiões antigas foi o fato das prostitutas terem sido consideradas pelo cristianismo meras pecadoras, ao passo que nas religiões antigas elas eram consideradas tão sagradas quanto os sacerdotes, além de terem sua atividade regulada pelas instituições religiosas, conforme constata Filho:

Se a prostituição era regulada pelas religiões antigas e as prostitutas eram tão sagradas quanto os sacerdotes, a partir do cristianismo a Igreja passa a queimar as feiticeiras, deixando sobreviver as prostitutas como afirmação da decadência do pecado, assim como já havia feito anteriormente com a própria ideia do diabo.<sup>56</sup>

Enquanto as bruxas foram queimadas na fogueira, o cristianismo permitiu as bruxas viverem, mas viverem sob uma sina: demonstrarem a decadência do pecado e do mundo profano, tal qual afirma Bataille: "A Igreja católica queimou as bruxas e deixou as baixas prostitutas viverem. Mas afirmou a decadência da prostituição, servindo-se dela para sublinhar o caráter do pecado".<sup>57</sup>

## Considerações finais

O caminho seguido em nosso trabalho foi o seguinte: primeiramente detalhamos o erotismo em geral e como o indivíduo perde-se nesse ato, segundo Bataille, mostrando também como o erotismo é algo único ao ser humano pelo fato de colocar em questão o ser do próprio homem, ao passo que os animais já têm o próprio ser dado a eles. Sem contar o fato que, para Bataille, as nossas escolhas de objetos de desejo são puramente subjetivas. O erotismo tem um caráter intrinsecamente transgressor e religioso, sendo assim uma experiência interior. Analisamos, depois, de que forma o erotismo é uma experiência interior (mística), no sentido de ser algo que extrapola todos os limites, e libera o indivíduo da subjetividade e que desafia todos os dogmas, abalando as estruturas da vida. O

<sup>52</sup> BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 153. grifo nosso.

<sup>53</sup> FILHO, C. M. *A Produção Social da Loucura*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 105-106.

<sup>54</sup> BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 143.

<sup>55</sup> FILHO, C. M. *A Produção Social da Loucura*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 106.

<sup>56</sup> FILHO, C. M. *A Produção Social da Loucura*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 106.

<sup>57</sup> BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 162.

erotismo, portanto, ultrapassa as barreiras do racional, pois ele é fundado no não saber e retorna ao não saber. É uma experiência de *sentimento* de si, e não *consciência* de si.

O erotismo, por ser uma transgressão, faz parte do lado animalesco da existência, isto é, do mundo da violência e da violação, enquanto o interdito é o lado propriamente humano do homem, que constitui o mundo do trabalho, e foi necessária sua criação para poder haver a consciência de si e a individualidade. O interdito e a transgressão constituem a vida em sociedade: apenas com o interdito, o homem é mera máquina que segue tarefas banais, um ser alienado (para usar um termo de Karl Marx<sup>58</sup>); ao passo que, se houvesse apenas a transgressão, não seríamos homens, e sim animais.<sup>59</sup> Seria necessário achar uma maneira de poder dançar entre esses dois campos da vida social sem aniquilar absolutamente um nem outro.

O homem está dilacerado entre esses dois polos: o trabalho e a violência. Ademais, seguindo a antropologia filosófica batailliana, o ser humano é um ser de descontinuidade, que possui seu início, meio e fim. O ser humano é um ser que sente uma solidão e uma saudade pela continuidade na qual estava anteriormente – continuidade que não tinha dor nem sofrimento, porém não tinha amor nem prazer: havia ausência de sentido. Surge, então, um desejo para ser aniquilado, quase uma pulsão de morte freudiana; surge a fascinação pela morte. As transgressões foram necessárias para realizar este movimento de ida e volta de descontinuidade para continuidade. Tais atos foram geridos pelas religiões anciãs. No entanto, a morte é o fim definitivo do ser. Mas há outra maneira de chegar ao contínuo: o erotismo. O erotismo apenas põe em questão a descontinuidade temporariamente, por isso pode-se dizer que o erotismo é transgressor. Ele se aproxima da morte pelo fato de que para um ser nascer é

necessário que morra outro e pelo fato de ambas serem atividades que abalam nossas estruturas.

Não obstante, o erotismo divide sua fundamentação subversiva com os sacrifícios religiosos: ambos são atos sagrados e os dois desnudam a carne – ela é “a expressão de um retorno dessa liberdade ameaçadora.”<sup>60</sup> Quando a carne aparece, ela transgride o interdito. O sacrifício imola a vítima e, ao fazer isso, mostra aos observadores a possibilidade de uma continuidade após o fim da descontinuidade. E, tanto o ato de amor quanto o ato de sacrificar, mostram, por meio da violência externa, a violência que está subjacente ao sujeito que participa. A relação de ambos com a carne é análoga – eis a similaridade entre o erotismo e a carne: a transgressão que mostra o contínuo. Ambos são sagrados e transgressivos, por causa da carne.

## Referências

BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

BATAILLE, Georges. *A Experiência Interior, seguida de Método de Meditação e Postscriptum 1953: Suma Ateológica, vol. I*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

BATAILLE, Georges. Hegel, a Morte e o Sacrifício. Trad. João Camillo Penna. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 389-413, jul./dez. 2013. <https://doi.org/10.1590/S1517-106X2013000200009>.

BATAILLE, Georges. *A História do Olho*. Trad. Eliane Robert Moraes. 3. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

BATAILLE, Georges. *A Literatura e o Mal*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

BATAILLE, Georges. *Teoria da Religião, seguida de "Esquema de uma História das Religiões"*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

CASTELLO BRANCO, Lucia. *O que é Erotismo?* 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

DINIZ, Guilherme Grané. A Questão da Transgressão em Sade e Bataille. *Pólemos*, Brasília, v. 6, n. 12, p. 115-127, 2017.

<sup>58</sup> No tocante à relação Marx-Bataille, atentemo-nos ao fato de Bataille sempre ressaltar a noção de trabalho e às vezes também em que ele afirma (e reafirma) que o erótico é algo que vai de embate à ordem do trabalho. “Não digo que o erotismo seja o [problema] mais importante. *O problema do trabalho* é mais urgente. Mas é um problema à altura de nossos meios, ao passo que o erotismo é o problema dos problemas” BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 299. grifo nosso.

<sup>59</sup> Aqui também podemos traçar um paralelo com os conceitos desenvolvidos por Friedrich Nietzsche em *O Nascimento da Tragédia* de apolíneo e dionisiaco. Aquele é a representação do deus das estátuas e da ordenação, do princípio de individuação e da ilusão; deus criador. Enquanto o deus Dionísio é o deus das orgias, da música, da irracionalidade, aquele que rasga o Véu de Maia e que acaba com a individuação dos homens. Ambos, no entanto, são necessários para a vida dos homens, um não pode existir sem o outro, assim como na filosofia de Bataille o interdito e a transgressão.

<sup>60</sup> BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 116.

FILHO, Ciro Marcondes. "Paixão, Erotismo e Comunicação: Contribuições de um Filósofo Maldito, Georges Bataille". *Hypnos*, São Paulo, n. 21, p. 208-230, 2008, p. 213.

FILHO, Ciro Marcondes. *A Produção Social da Loucura*. São Paulo: Paulus, 2003.

LIPPI, Sílvia. Os Percursos da Transgressão (Bataille e Lacan). Trad. Pedro Henrique Bernardes Rondon. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 173-183, jul.-dez. 2009. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982009000200001>.

VIEIRA, Suzana de Castro Amaral. Introdução à Metafísica de Georges Bataille. *Perspectiva Filosófica*, [s. l.], v. 41, n.1, p. 1-12, 2014.

---

### **Pedro Antônio Gregorio de Araujo**

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS, Porto Alegre, RS, Brasil), bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

---

### **Endereço para correspondência**

Pedro Antônio Gregorio de Araujo  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Av. Ipiranga, 6.681, Prédio 4, sala 2  
Partenon, 97010082  
Porto Alegre, RS, Brasil